

# NASCEM VARÕES

**D**ESDE o quarto crescente até a lua cheia o mar veio subindo de fúria até uma grande festa desesperada de ondas imensas e espumas a ferver. Vi-o estrondando nas praias, arrebatando-se com raiva nas pedras altas. O vento era manso, e depois do sol louro e alegre vinha a lua entre raras nuvens de leite; mas o mar veio crescendo de fúria; e as mulheres de meus amigos que estavam grávidas, tôdas deram à luz meninos. Sim, nasceram todos varões.

Nasceram varões. O poeta faz um poema seco e triste. Disse-me: quando crescer, êle não o lerá; ou então não poderá entender. O poeta contempla com inquietação e melancolia os varões do futuro. Não os entende; sente que neste mundo estranho e fluido as vozes podem perder o sentido ao cabo de uma geração; entretanto faz um poema. Sinto vontade de romper êsse momento surdo e solene em que mergulhamos; ora bolas, nasceu mais um menino. Afinal os meninos sempre nasceram, e inclusive isso é a primeira coisa que costumam fazer; aparentemente essa história é muito antiga, e talvez monótona. Mas estamos solenes. As mães olham os que nasceram. Os pais tomam conhaque e providências. O mundo continua.

O que talvez nos perturba um pouco é êsse sentimento da continuação do mundo. Êsses pequeninos e vagos animais sonolentos que ainda não enxergam, não ouvem, não sabem nada, e quase apenas dormem, cansados do longo trabalho de nascer — ali está o mundo continuando, insistindo na sua peleja e no seu gesto monótono. Nós todos, os homens, lhes daremos nosso recado; êles aprenderão que o céu é azul e as árvores são verdes, que o fogo queima, a água afoga, o automovel mata, as mulheres são misteriosas e os gaturamos gostam de frutas. Nós lhes ensinaremos com nossa voz, nossos papéis escritos, nosso modo e nossa força, nós lhes ensinaremos muitas coisas, das quais muitas erradas e outras que êles mais tarde verificarão não ter a menor importância.

Êste lhes falará de Deus e santos; aquele da conveniência geral de andar limpo, ceder o lado direito à dama e responder a cartas. Temos um baú imenso, cheio de noções e abusões, que despejaremos sobre suas cabeças. E com êsses trapos de idéias e lendas êles se cobrirão,

se enfeitarão, lutarão entre si, se rasgarão, se desprezarão e se amarão. Escondidos nas dobras de bandeiras e flâmulas, nós lhes transmitir e m o s , discretamente, nossas perplexidades e nosso amor ao vício; a lembrança de que todavia não convém deixar de ser feroz; de que o homem é o lobo do homem, a mulher é o descanso do guerreiro, frases, milhões de frases, o espetáculo começa quando você chena, um beijo na face pede-se e dá-se, se

quiser ofereça a outra face, se o guerreiro descansa a mulher quer movimento, os lobos vivem em sociedades chamadas alcatéas, os peixes são cardume, desculpa de amarelo é friagem e desgraça pouca é bobagem. Armados de tão maravilhosos instrumentos eles empinarão seus pagaios, trocarão suas canceladas, distribuirão s e u s orçamentos, amarão suas mulheres, terão vontade de mandar de m e n t e a d a V O Z em quando, como nos avon-

tece a todos, de socegar, morrer.

Penso nessa jovem e bela mãe que tem nos braços seu primeiro filho varão. E o quadro eterno, de insuperável, solene e doce beleza, a madona e o bambino. Poderia ver ao lado, de pé, sério, o vulto do pai. Mas esse vulto é pouco nítido, quase apenas uma sombra que vai sumindo. Ele não tem mais importância. Desde seu último gemido de amor enloucou em estranha agonia metafísica. Seu próprio ser já

não tem mais sentido, éle o pas-  
sou além. A mãe é necessária,  
sua agonia é mais lenta e bela,  
ela dará seu leite, sua própria  
substância, seu calor e seu beijo;  
e à medida que fôr se dando  
a esse novo varão, éle irá cres-  
cendo e se afirmando até deixá-la  
para um canto como um trapo  
inútil.

Honrarás pai e mãe — ácon-  
selha-nos o Senhor. Que estra-  
nho e cruel verbo Éle escolheu!  
Que necessidade melancólica sen-  
tiu de fazer um mandamento de  
que não está na força feroz da  
vida! Tem o verbo "honrar" um  
delicado sentido fúnebre.

Mas nós, os honrados e, por-  
tanto, os deixados à margem, os  
afastados da vida, os disfarça-  
damente mortos, nós reagimos  
com infinita crueldade. Muito de  
vagar e com astúcia vamos lhes  
passando todo o peso de nossa  
longa miséria, todos os volumes  
inúteis que carregamos sem sa-  
ber porque, apenas porque nos  
deram a carregar. Afinal, isto  
pode ser útil; afinal, isto pode  
ser verdade; isto deve ser neces-  
sário, visto que existe. Tais são  
as desculpas de nossa malícia;  
no fundo apenas queremos ficar  
mais leves para o fim da cami-  
nhada.

Muitos desses pais vigiaram a  
própria saúde para não transmi-  
tir nenhum mal à próxima gera-  
ção; purificaram o corpo antes  
de se reproduzirem. Cumpriram  
seu rito pré-nupcial e depois, na  
carne da mãe, já fecundada,  
prosseguiram em cuidados ternos,  
como se esperassem ver nasce-  
r algo de perfeito, um anjo, lim-  
po de toda mácula.

Procuraram assim, aflitamen-  
te, limpar em pouco tempo todos  
os longos pecados da espécie, tô-  
da a triste acumulação de ma-  
les através de gerações. Agora  
estão com a consciência tran-  
quila; agora podem tranquilamente  
começar a nobre tarefa de  
transmitir ao novo ser o seu vi-  
cio e sua malícia, a sua tristeza  
e o seu desespero, todo o remor-  
so dos pecados que não conse-  
guiram fazer, todo o amargor  
das renúncias a que foram obri-  
gados. O menino deve ser forte  
para aguentar a vida — esta  
vida que lhe deixamos de he-  
rança. Deve ser bem forte! For-  
remos sua alma de chumbo, seu  
coração de amianto.

Nascem varões nesta inverno;  
a lua é cheia, o mar vem cres-  
cendo de fúria sob um céu azul.  
Mas sua fúria sagrada é impo-  
tente; nós sobrevivemos: o mae-  
do continua. E as ondas recebem  
desanimadas.

17 x 49

H R  
"Correio Paulistano"  
"A manhã" - Rio  
"J. Comércio" - Recife

194